

RELAÇÕES DE GÊNERO NAS VIVÊNCIAS ESCOLARES: ANÁLISE DO CONTEXTO EDUCACIONAL EM TORNO DA PANDEMIA DA COVID-19

Ewerton Rafael Raimundo Gomes¹
Ana Carolina de Souza Ferreira²
Matheus Gleydson do Nascimento Sales³
Jessica Marília da Silva Souza⁴
Profª. Mestra. Taynnã Valentim Rodrigues⁵
Profª. Dra. Patrícia Cristina de Aragão⁶

INTRODUÇÃO

O artigo enfatiza o espaço escolarizado como lugar de grande importância na vida de qualquer indivíduo, pois contribui de forma direta na formação da cidadania. É válido analisar o quanto a escola influencia na exclusão ou inclusão de algumas temáticas, entre os quais, destacamos aquelas relativas a gênero e sexualidade nas práticas pedagógicas.

Ao longo da história, observou-se que os comportamentos e crenças acerca da sexualidade passaram por mudanças significativas. Isto porque, certos relacionamentos e atitudes eram tidas como anomalias, sendo a homossexualidade, por exemplo, vista como doença. Mesmo com a permanência deste tipo de postura e pensamento atualmente, ainda se percebe o preconceito no contexto da sociedade. Ressaltamos que o discurso de gênero e sexualidade na atualidade é de fundamental importância, principalmente no contexto escolar, na promoção de programas de educação sexual.

Desta forma, cada povo de acordo com sua época e cultura, tem elaborado uma concepção acerca da sexualidade, podemos citar como exemplo a Grécia antiga onde a bissexualidade era socialmente aceita. Já para os Indus a mulher era vista como chefe da família pois poderia gerar a vida. Assim, podemos perceber que todas essas práticas são de importância para serem levadas para um debate principalmente em sala de aula, pois através desses eventos históricos os alunos podem obter um maior conhecimento, analisando o tema de forma mais “profunda” e não superficial, deixando de lado certos preconceitos imposto pela sociedade.

¹ Graduando do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, autorprincipal@email.com;

² Graduanda pelo Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, carol_ferreira1995@hotmail.com;

³ Graduando do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, coautor2@email.com;

⁴ Graduanda pelo Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, coautor3@email.com;

⁵ Mestre pelo Curso de História da Universidade Federal - UFPB, coautor4@email.com.

⁶ Professora orientadora: Doutora, Universidade Federal da Paraíba - UFPB, orientador@email.com.

Sendo assim, será abordado essa temática destacando a contribuição de alguns autores como, (VETORAZO, 2020), (AKKARI, 2015) (AZEVEDO, 2015), (BUTLER, 2003), e (LOURO, 1997)

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Um dos desafios da escola é reconhecer os diferentes contextos de nossos estudantes, uma vez que a socio diversidade estudantil espelha uma multiplicidade de condições de vida dos mesmos. Para que isso ocorra, é necessário que promovamos perspectivas diversas sobre o contexto sociocultural dos mesmos, descentrando as visões e perspectivas unívocas, enfrentando situações de discriminação e preconceitos que frequentemente estão presentes no cotidiano escolar.

O reconhecimento de que a escola tem um importante papel nos processos identitários de seus estudantes implica na construção de novas relações com as questões vinculadas às identidades e às diferenças na sala de aula e na compreensão de que as diferenças são construídas social e culturalmente com base nas relações de poder, ou seja, o processo de produção de hierarquização das diferenças pode ser desafiado e desestabilizado. (AKKARI, 2015, p. 31)

Vetorazo (2020), mostra a partir de pesquisa realizada com os alunos de instituições público/privada que as expectativas dos estudantes em torno do reconhecimento do direito do outro à diferença e/ou da punição aos que consideram seus agressores, costumam ser frustradas. Enfatizamos que, a gestão e coordenação das escolas, muitas vezes procuram minimizar as situações de agressão verbal, abuso e bullying envolvendo os/as estudantes, em que essas práticas tendem a se naturalizar enquanto “brincadeiras estudantis”, quando na realidade são formas de violência simbólica, psicológica e física que não podem e não devem de maneira alguma serem naturalizadas no cotidiano escolar.

Este estudo partiu de reflexões teóricas e de uma pesquisa aportada em estudos bibliográficos que versam sobre o tema, para que pudéssemos compreender as possibilidades de enfatizar a temática ventilada no artigo, no contexto da sala de aula.

Observa-se situações ainda que se procuram amenizar conflitos quando isso se mostra conveniente da perspectiva da lógica institucional, como no caso da festa de formatura na escola privada. Os professores, por sua vez, preferem se omitir diante dos questionamentos dos estudantes. Nas duas escolas as situações de enfrentamento são interpretadas por eles como atos de indisciplina que atribuem a uma lista de faltas, como ausência de limites para o

comportamento dos jovens no seio de suas famílias, fraqueza da autoridade escolar e enfraquecimento de valores como respeito à figura do professor. Com frequência as falas dos professores revelam nostalgia, evocando um tempo idealizado em que o professor ainda gozava de respeito pela sociedade e tinha autoridade na sala de aula.

REFERENCIAL TEÓRICO

Louro 1997 chama atenção de todas estas características no contexto escolar quando situa o debate sobre “corpo escolarizado”, pois neste ambiente, os estudantes aprendem a como se comportar em sociedade, a como olhar para si e para o outro, como falar e calar, a reagir a si e as reações dos outros, a como perceberem as subversões, que são justamente os “escapes” a estes modelos dos discursos médicos, jurídicas e da qual estamos problematizando como AZEVEDO, 2015 ressalta que:

Foi na Modernidade que a escola assumiu o papel de instituição de sequestro, na qual exercia sua função com eficiência no processo de produção de saberes sobre o sujeito, produzindo subjetividades como dócil e submissa aos dispositivos disciplinares. As noções gêneros são também inscrições sobre os corpos que constituem a formação desse sujeito moderno, disciplinado, sobre o qual o poder se encontra investido sob a forma de um saber-poder normalizador. (AZEVEDO, 2015, p. 40).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais - PVCNs já propunha no seu texto o debate em torno da orientação sexual, um conceito que dá a entender que existe apenas uma orientação sexual, ou seja, o masculino e o feminino, em suma, o binário. onde os discursos de gênero não chegam nem a entrar nos PCNS de orientação sexual, percebemos aí uma invisibilidade por meio das políticas públicas educacionais, dos (as) trans e travestis, não binários e ademais performances de gênero.

Butler mostra que a performance a determinar o gênero, a performatividade destaca a constituição do gênero como atos, gestos, representações ordinariamente constituídas (BUTLER, 2006, p. 185). Portanto, os PCNS vêm a procurar o diálogo e a conceituação da orientação sexual como algo ligado a saúde e vida, em alguns casos também abordando a sexualidade como algo cultural, mas pouco debatido, dando o enfoque em três assuntos “Corpo: matriz da sexualidade. Relações de gênero. Prevenção às Doenças Sexualmente Transmissíveis/AIDS.

Como aporte teórico temos os estudos voltados as pesquisas de (VETORAZO, 2020), (AKKARI,2015), (AZEVEDO, 2015), (BUTLER, 2003) e (LOURO, 1997) que orientam a nossa discussão através da problemática de relação de gênero em ambiente escolar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desde do início do ano de 2020, a humanidade vem passando por crises social e sanitária, causadas pela pandemia da Covid-19, neste período, todos os países sem exceção, mas mormente os países subdesenvolvidos, vem enfrentando inúmeros problemas na manutenção do bem-estar social. Vivemos um período ímpar na história, sem precedentes.

O vírus nos mantém em condições de isolamento social e incapacita as relações e atividades que outrora eram presenciais, forçando-nos a buscar outras opções, que não substituam integralmente a aprendizagem presencial, mas que ao menos ajude na “reposição” e na “manutenção” da educação pública enquanto vivermos o contexto de uma crise humanitária. De tal maneira, esse momento nos impele a refletir sobre os moldes da educação, as suas desigualdades e como, muitas vezes, o ensino se torna arbitrário, procurando homogeneizar os estudantes, marginalizando a diferença e o contexto social de cada indivíduo.

A situação atual do Brasil nos convida a refletir sobre os pilares e os pressupostos da educação nacional. Por isso, propomos aqui uma investigação da gênese do sistema educacional do Brasil, analisando sua estrutura e seus objetivos, com a finalidade de identificar pensamentos obsoletos e encontrar caminhos e propostas para uma melhor educação, uma que se adeque a realidade dos estudantes, que promova a igualdade, enxergando na diferença não um estigma, mas um atributo na diversificação da educação.

Advogamos a ideia de uma proposta educacional que considere a diversidade como fator essencial na construção de um conhecimento e consequentemente, de valores humanos diante da diversidade sociocultural, étnico-racial e de gênero que a escola apresenta. Estes que devem ser perpetuados através de práticas como diálogos e projetos de inclusão. Isto é, educar para as maneiras de ver e conviver com a diversidade humana, depreende pensar o modo como enxergamos os outros, perceber que o assunto das orientações sexuais e de gênero, são temas que podem e devem ser discutidos em sala de aula, seja por meios digitais, seja no espaço escolar.

O programa da Residência Pedagógica, com a proposta de formação na iniciação à docência tem oportunizado e auxiliado os estudantes na melhor compreensão de temas sensíveis de educação, que envolvem o ambiente escolar, oferecendo-lhes uma gama de experiências

teórico-metodológicos, discussões e debates que cercam todos o espaço educacional, ao tornar o ensino plural e fruto de reflexões coletivas, ajuda-nos a pensar e elaborar estratégias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tratar da temática em torno das relações de gênero no contexto escolar, é de fundamental para a formação educacional de estudantes, tanto de escolas públicas como privadas, daí a importância do tratamento de questões relacionadas as relações de gênero e diversidade sexual durante o processo de ensino aprendizagem, é uma abordagem necessária em virtude do preconceito e estigma, que ainda povoa a discussão na escola e do preconceito existente na sociedade vigente, bem como a falta de respeito.

Há famílias que ainda resistem a discussão na escola em torno da temática e a da abordagem da sexualidade na escola fica invisibilizada em decorrência de questões culturais, religiosas, costumes, entre outros e não visualizam que a família mudou, não é mais a mesma, já que atualmente há uma reconfiguração nos rearranjos familiares e a sociedade brasileira apresenta diferentes perfis de famílias ocasionando grande preocupação entre os docentes ao trabalhar o assunto, devido à diversidade de sujeitos em uma sala de aula, sendo a escola composta por crianças e jovens de várias classes sociais, religiões, etnias e orientação sexual.

Com a culminância do ensino remoto e as aulas online isto se torna um desafio ainda maior para os docentes, encontrando aí um impeditivo em trabalhar esta temática, porém, o momento exige a abordagem de temas transversais levando em consideração que durante a pandemia e por conseguinte o isolamento social o número de casos relacionados a crimes ocasionados pelo preconceito como assassinato à mulheres trans e também o feminicídio pode ser destacado. Sendo assim, se torna imprescindível esclarecer que os docentes devem educar os jovens para que os mesmos não venham a cometer violência sexual e de gênero, buscando meios em sua aula mesmo no ensino EAD para que a violência e o preconceito venham a diminuir em passos largos.

Palavras-chave: Gênero, Covid 19, Educação, Escola.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a CAPES e ao programa de Residência Pedagógica do subprojeto história da Universidade Estadual da Paraíba- Campos de campina Grande, entre os ano de 2020 e 2022, pela oportunidade de podermos desenvolver as atividades em relação a iniciação à docência

através das nossas práticas na escola campo, no modelo remoto de condução como também a pesquisa, em relação as nossas experiências dentro das nossas participações em eventos cinéticos: como congressos, colóquios, seminários, as nossas participações como ministrantes de minicursos e palestras fora da escola campo no qual pudemos desenvolver nossas atividades vinculadas ao programa de residência pedagógica do subprojeto história da Universidade Estadual da Paraíba- PB

REFERÊNCIAS

AKKARI, Abdeljalil; SANTIAGO, Mylene Cristina. Diferenças na educação: do preconceito ao reconhecimento. **Revista Teias**, v. 16, n. 40, 2015, p. 31.

AZEVÊDO, Ciro Linhares. “O amor ainda está aqui”: processos de subjetivação, microterritórios e corpos em narrativas de sexualidade em Campina Grande – PB. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Campina Grande, 2015.

BUTLER, J. Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade. 2 ed. Rio de Janeiro, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva Pósestruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

VETORAZO, Francisca Helena Gonçalves; SAMPAIO, Helena. Gênero e sexualidades no ensino médio: enfrentamentos e negociações. *Revista Contemporânea de Educação*, v. 15, n. 32, 2020. p. 223-240